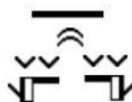


MAPA PARA ESTUDANTES SURDOS: O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA CARTOGRAFIA ESCOLAR E INCLUSIVA

Map for deaf students: the Geography teaching based on school and inclusive Cartography

Pedro Moreira dos Santos Neto¹



RESUMO

Este artigo é fruto da tese² que propõe uma metodologia de produção cartográfica específica para o estudante surdo, pois os mapas que eles têm acesso estão em língua portuguesa. Nesta perspectiva, existe a necessidade de pensar em um mapa para o aluno surdo, uma vez que os mapas tradicionais não atendem suas especificidades linguísticas. Portanto, o presente artigo tem como objetivo a produção cartográfica que considere a Língua Brasileira de Sinais. Foram realizadas observações, oficinas e minicursos em aulas de Geografia de escolas especiais e regulares com estudantes surdos. Assim, o mapa específico para o aluno surdo possibilita o ensino-aprendizagem de Geografia e o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Palavras-chave: Mapas; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Surdos; Ensino-Aprendizagem; Geografia

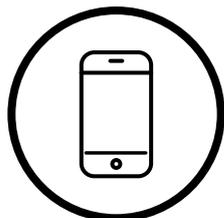
¹ Secretaria de Estado de Educação – SEDUC, Cuiabá, MT, Brasil. pedromoreirasn@gmail.com

² SANTOS NETO, P. M. O mapa e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): possibilidades da linguagem cartográfica para construção do pensamento geográfico dos alunos surdos na/da educação básica. 2019. 325 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

ABSTRACT

This article is the result of the thesis that proposes a specific cartographic production methodology for deaf students, since the maps they have access to are in Portuguese. From this perspective, there is a need to think in a map for the deaf student, since traditional maps do not meet their linguistic specificities. Therefore, this article aims at cartographic production that considers the Brazilian Sign Language. Observations, workshops and mini-courses were carried out in Geography classes of special and regular schools with deaf students. Thus, the specific map for the deaf student enables the teaching-learning of Geography and the development of geographical thinking.

Keywords: Maps; Brazilian Sign Language (LIBRAS); Deaf students; Teaching-Learning; Geography



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**

https://www.youtube.com/watch?v=Q1IR5_v-n6w



Introdução

Linguagem e comunicação cartográfica na representação do espaço geográfico para alunos surdos

Partimos da perspectiva de que o mapa como produto cartográfico é uma linguagem comunicativa que possibilita representar as dimensões socioespaciais de uma determinada superfície terrestre. Por este motivo, nos embasamos em Fonseca (2012, p. 23), pois, segundo a autora, “um mapa é uma imagem visual complexa, carregada de signos não verbais que estão estruturados como sistema. Logo, o mapa é uma peça comunicativa, ele é linguagem”.

Diante disso, temos como perspectiva a base de que o mapa é uma representação, igualmente, uma forma de comunicação e, também, uma linguagem. Neste contexto, contamos com a fundamentação oferecida por Girardi (2003, 2009, 2014 e 2016) e Simielli (2007 e 2014), que consideram a relação entre a Cartografia e a Geografia, valorizando aquela como linguagem para a compreensão dos conteúdos geográficos.

De acordo com Castellar (2011, p. 122), “quando assumimos que a linguagem cartográfica é uma estratégia de ensino ou um procedimento, não estamos desconsiderando que ela também seja uma técnica, mas que para o ensino, ela é uma linguagem importante”. Neste contexto, compreender a Cartografia como linguagem e o mapa como meio de comunicação não limita o seu conjunto científico, técnico e artístico. Segundo Castellar (2011, p. 121),

Portanto, pensar o uso da linguagem cartográfica como uma metodologia inovadora é torna-la parte essencial para educação geográfica, para a construção da cidadania e do aluno, na medida em que permitirá a ele compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem que traduzirá as observações abstratas em representações da realidade mais concreta.

Conceber a Cartografia como linguagem permite desenvolvermos diversos temas e conteúdos geográficos escolares nessa perspectiva de representação, ou seja, ir além do conteúdo curricular de Cartografia.

Concordamos com Fonseca (2012, p. 12), ao tratar da potencialidade cartográfica para estudar a realidade na perspectiva espacial; “certamente a denominada linguagem cartográfica tem potencial para fazer crescer a presença da abordagem espacial nos estudos e na

compreensão das realidades contemporâneas”. Nossas vidas se realizam por meio da interação social e nela se produz o espaço geográfico, dessa maneira, temos na linguagem cartográfica um instrumento eficaz de estudo das relações socioespaciais da sociedade tanto no espaço urbano quanto no rural.

De acordo com Fonseca (2012, p. 21), “a condição intercambiável entre linguagem e representação coloca a discussão das representações cartográficas nos campos profícuos da filosofia, das ciências e das discussões sobre as linguagens”. Partindo da perspectiva de que o espaço geográfico está em constante movimento, as formas de representar a realidade também não são estáticas. Essa intercambialidade (linguagem/representação) citada pela autora nos faz refletir sobre novas formas de linguagem e representação do espaço, incluindo a Cartografia Escolar e Inclusiva para alunos surdos.

Para Fonseca (2012, p. 15), “o mapa é uma linguagem e toda linguagem é, entre outras coisas, transmissora e produtora de ideologias”. Neste sentido, quais ideologias estão contidas nos mapas tradicionais? E quais ideologias poderão surgir e/ou se consolidar a partir dos mapas inclusivos para os alunos surdos? O mapa é uma representação de poder, logo, a Cartografia Escolar e Inclusiva para alunos surdos corrobora com a ideia de que a produção de materiais didático-pedagógicos legitima o discurso de inclusão e aprendizagem dos temas e conteúdos em Libras, modalidade de instrução prevista na lei 10436, de 24 de abril de 2002.

Para Martinelli (2014), o mapa é um meio de comunicação. Segundo Castellar (2011, p. 125), “a cartografia passou a ser compreendida como meio de comunicação a partir das décadas de 1970 e 1980”. Podemos ver que os autores concordam no poder comunicativo da Cartografia e das suas produções (exemplo do mapa). Outro autor que também contribui com essa perspectiva é Richter (2011, p. 32), ao escrever que “[...] o mapa, além de servir para representação espacial, possui forte relação com a questão da linguagem de comunicação”.

Os autores apresentados convergem para ideia de que o mapa para além da representação espacial possui uma forte relação com a comunicação, fazendo dele um meio de comunicação. Os mapas tradicionais seguem essa lógica comunicativa, permitindo a compreensão da representação dos fenômenos geográficos na relação com sua espacialização e linguagens. E nos mapas para os alunos surdos, o que deveria mudar? Acreditamos que o processo comunicativo será o mesmo, entretanto, a mensagem e o código deverão atender as especificidades do destinatário, ou seja, se a língua do aluno surdo é a Libras, logo, é essa língua que deverá constar nos mapas para a efetiva comunicação, possibilitando a leitura e a análise. De acordo com Fernandes (2016, p. 108),

Os alunos surdos enfrentam inúmeras dificuldades para participar da educação escolar regular. Tais dificuldades estão relacionadas a fatores ligados principalmente a comunicação, as metodologias de ensino, que não são adequadas para alunos surdos, bem como a falta de capacitação de muitos profissionais que atuam com este grupo de alunos. Podemos citar, também, como aspecto de entrave na aprendizagem dos alunos surdos, a questão relacionada a exclusão, vivenciadas não só por eles, mas por todas as pessoas com necessidades especiais na sociedade, de forma em geral.

O aluno surdo tem dificuldades na linguagem verbal dos produtos cartográficos, uma vez que a língua utilizada nos mapas tradicionais brasileiros é a portuguesa e o sujeito da pesquisa possui limitação sensorial auditiva que dificulta a aprendizagem da leitura e escrita.

Precisamos superar tais dificuldades comunicativas e, principalmente, a ausência de metodologias de ensino para alunos surdos, uma vez que estes ficam marginalizados nas escolas regulares nos aspectos que já foram mencionados. Diante do que foi apresentado, continuamos a defender a Cartografia como representações espaciais e pedagógicas, comunicações de uma língua e do sujeito com o mundo e, por fim, linguagens dos mais diversos conteúdos visuais e verbais.

Em busca da superação desta problemática, pensamos que a Cartografia nas suas dimensões científica, técnica e artística possibilita (re)pensar os mapas presentes nos livros didáticos e mapas murais, a partir da sua linguagem e comunicação, considerando a língua do destinatário, neste caso, o aluno surdo.

Desenvolvimento

Elementos cartográficos no mapa para o aluno surdo

Segundo Almeida e Passini (2011, p. 17), “ler mapas é um processo que começa com a decodificação, envolvendo algumas etapas metodológicas, as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz”. Desse modo, o mapa é uma representação gráfica bidimensional que possui alguns elementos cartográficos que possibilitam sua leitura. Portanto, para que possamos realizar a leitura dele com maior precisão, é necessário que tenha os seguintes elementos: título, orientação, coordenadas geográficas, escala gráfica ou numérica e legenda. Esta composição permite que o leitor faça a análise dos fenômenos geográficos representados na relação com sua espacialidade, uma vez que o mapa, como produção social, tem a finalidade de representar graficamente as dimensões do espaço geográfico.

Desse modo, o mapa é um instrumento de análise espacial e nas aulas de Geografia se torna um recurso pedagógico essencial para o estudo dos temas e conteúdos escolares geográficos. Pensando nas possibilidades do mapa para o ensino de Geografia de alunos surdos, buscamos identificar quais são os elementos fundamentais que um mapa precisa ter para que o aluno surdo consiga fazer a leitura e desenvolver o pensamento geográfico.

Para Simielli (2014, p. 78), “o mapa como meio de comunicação será realmente eficiente se esse processo não for interrompido, ou seja, o uso de uma linguagem cartográfica válida tanto para transmissão da informação como para leitura ou consumo do mapa”. Partindo da perspectiva de que o aluno surdo se comunica e compreende o mundo a partir da sua língua, neste caso, a Libras, os elementos cartográficos que poderão constar nos mapas serão necessariamente em sua língua. Permitindo, assim, que o aluno surdo faça a leitura e análise do mapa sem auxílio do TILS, pois se precisarmos de outra pessoa para ler e interpretar os mapas, alguma coisa está errada. De acordo com Simielli (2014, p. 88),

Considerando que os mapas são meios de transmissão de informação, é preciso preocupar-se com todo o processo de sua confecção, pois ele tem que ser adequado ao usuário a que se destina para não haver lacuna entre o trabalho do cartógrafo e o leitor do mapa, que deve apreender o máximo das informações transmitidas.

Óbvio que a análise do mapa vai depender muito da complexidade das informações presentes nele e da alfabetização cartográfica do aluno, porém, as representações de leitura devem ser claras e objetivas. Diante do que foi construído ao longo da tese, com intensa participação dos alunos surdos, será apresentada a importância de cada elemento cartográfico para a leitura e análise do mapa e sua representação em Libras, VisoGrafia³ e Datilologia, possibilitando que os alunos surdos desenvolvam a interpretação dos fenômenos geográficos, relacionando com a espacialidade em sua língua. Como exemplo, apresentaremos três mapas-múndi, um em língua portuguesa, outro em Libras e o terceiro em VisoGrafia para representar o título e a legenda. Os mapas terão a Datilologia para representar a orientação, as coordenadas geográficas e as escalas.

Em Libras, utilizamos a Datilologia para representar aquilo que ainda não se tem sinal, logo,

³ Uma modalidade de escrita da língua de sinais que considera a configuração de mão, o ponto de articulação, a orientação, o movimento e a expressão não-manual ou facial.

as coordenadas geográficas e as escalas não são números fixos para todos os mapas, pois são elementos cartográficos do tipo numeral que variam de acordo com a localização geográfica e a escala de representação. A tabela 01 apresenta esses elementos.

Tabela 01. Elementos cartográficos em mapas para alunos surdos

REPRESENTAÇÃO DO MAPA PARA ESTUDANTE SURDO	
Título	Libras ou VisoGrafia
Orientação	Datilologia
Coordenadas Geográficas	Datilologia
Escala	Datilologia
Legenda	Libras ou VisoGrafia

Fonte: Produzido pelo autor, a partir do instrumento de coleta de dados III em agosto de 2017. Cont.

Com isso, o título do mapa é responsável por apresentar o tema representado, revelando, assim, o assunto dele. Geralmente, este elemento cartográfico busca responder a três questões: O quê? Onde? Quando? Essas perguntas têm a finalidade de informar ao leitor quais fenômenos geográficos foram abordados, a localização geográfica e a relação destes com a temporalidade. Os sinais da Libras equivalem às palavras da língua portuguesa, portanto, ao invés de representarmos o título do mapa pelas palavras em português, vamos representá-lo pelos sinais em Libras (figura 1) e VisoGrafia (figura 2).

Título em mapas tradicionais:

Mapa-Múndi

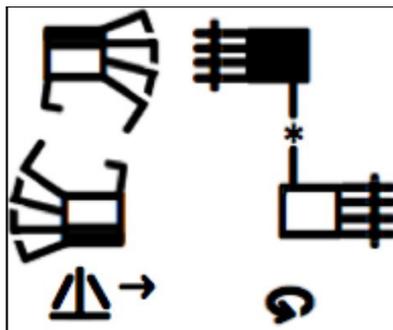
Título em mapas para alunos surdos, em Libras:

Figura 1. Título do mapa em Libras. Sinal de Mapa-Múndi.h



Fonte: Produzido pelo autor.

Figura 2. Título do mapa em VisoGrafia. Sinal de Mapa-Múndi.



Fonte: Produzido pelo autor.

Outro elemento cartográfico presente nos mapas é a orientação, que tem como função indicar a posição da área em relação às direções cardeais em questão. A orientação pode ser representada pela rosa dos ventos (figura 3) ou por uma seta a indicar um dos pontos cardeais que normalmente é o Norte (figura 4). Após pesquisas de campo, os alunos surdos relataram que a melhor forma para representar a orientação é a Datilologia (figura 5 e 6) e não a língua portuguesa, Libras ou VisoGrafia.

Orientação em mapas tradicionais:

Figura 3. Rosa dos ventos.



Fonte: Produzido pelo autor.

Figura 4. Norte.



Fonte: Produzido pelo autor.

Orientação em mapas para alunos surdos, em Datilologia:

Figura 5. Rosa dos ventos em Datilologia



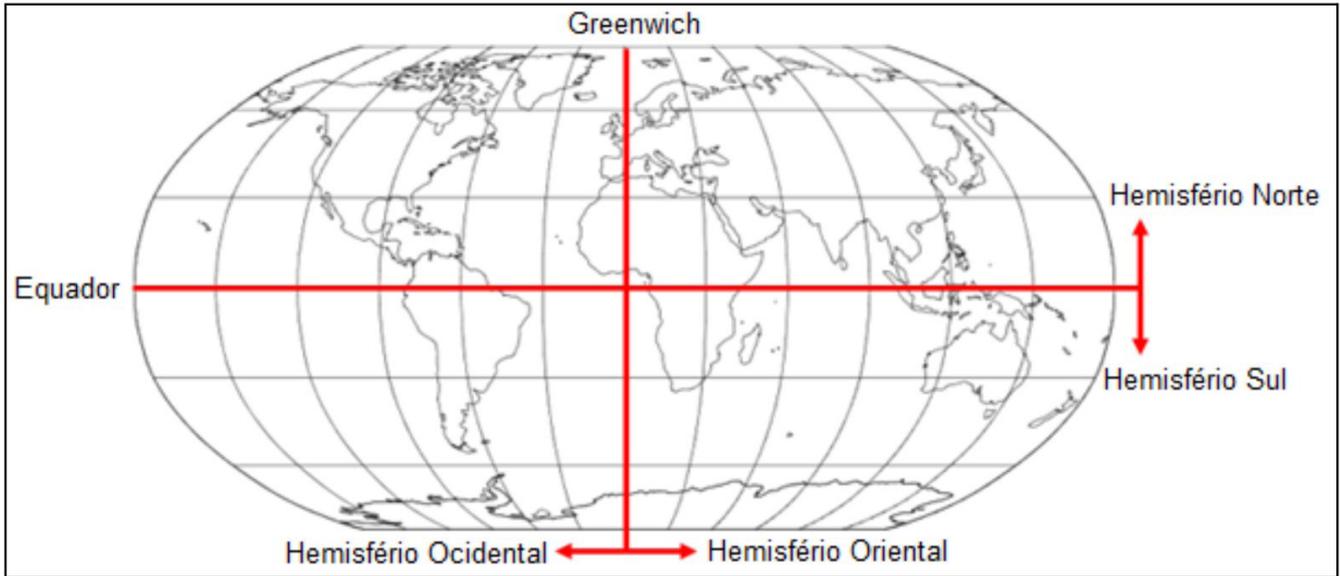
Fonte: Produzido pelo autor.

Figura 6. Norte em Datilologia.



Fonte: Produzido pelo autor.

Figura 7. Representação das latitudes e longitudes.



Fonte: Produzido pelo autor.

Coordenadas geográficas em mapas tradicionais

1°N 2°S 3°L 4°O

Coordenadas geográficas em mapas para alunos surdos, em Datilologia



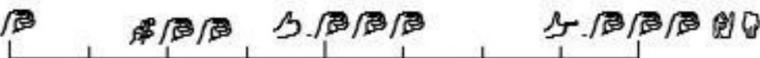
A escala geográfica é um princípio da Geografia importante para pensar qualitativamente o espaço geográfico nas dimensões articuladas do local, regional, nacional e global. No artigo em questão, vamos trabalhar especificamente a escala cartográfica, formada por numerador e denominador, com a finalidade de revelar a razão entre as distâncias representadas no mapa e as distâncias reais na superfície terrestre.

Na Cartografia, utilizamos a escala reduzida, cujo tamanho físico do objeto é maior do que a representação do mapa e, com isso, podemos representar as espacialidades dos fenômenos geográficos em mapas nos mais diversos formatos e tamanhos de papéis. Podemos representar essa escala de forma gráfica, numérica e/ou nominal/explicita, vale ressaltar que todas resguardam o mesmo princípio, porém, são representadas e lidas de maneiras diferentes.

Escala gráfica em mapas tradicionais



Escala gráfica em mapas para alunos surdos, em Datilologia

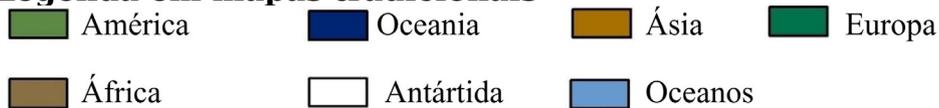


Escala numérica em mapas tradicionais

1: 25.000.000



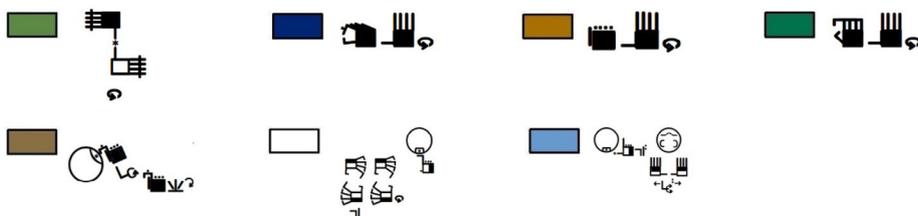
Legenda em mapas tradicionais



Legenda em mapas para alunos surdos, em Libras

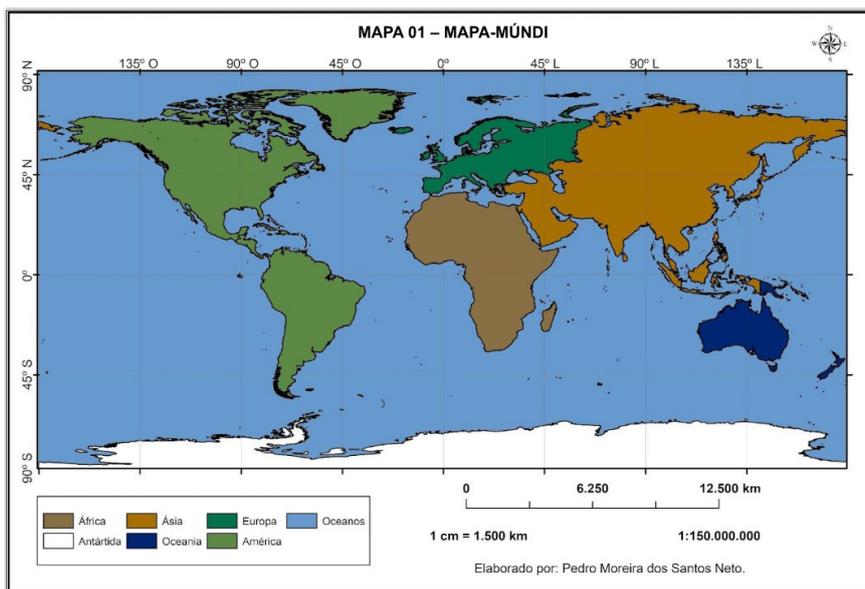


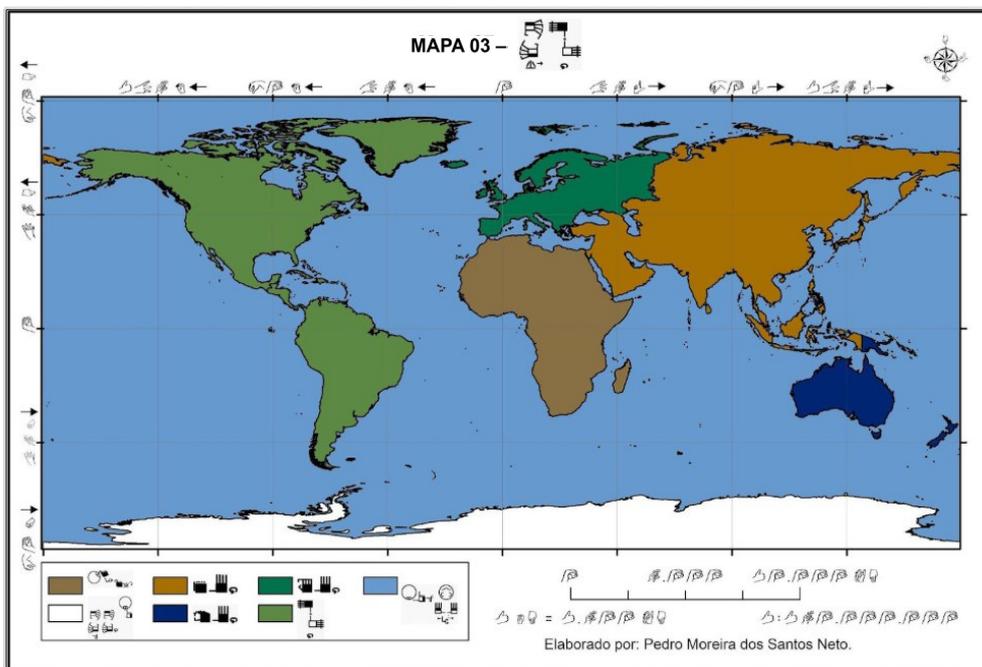
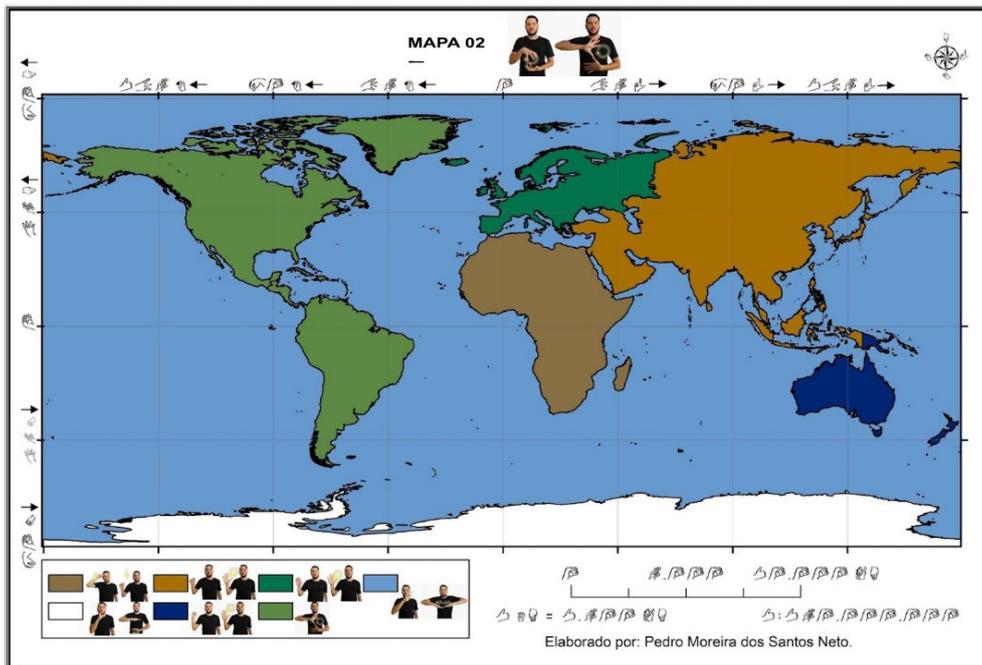
Legenda em mapas para alunos surdos, em VisoGrafia



Diante do apresentado, o título e a legenda do mapa para os alunos surdos poderão ser representados em Libras ou VisoGrafia e, nos casos dos mapas quantitativos, ele poderá ser em Datilologia. Já a orientação, as coordenadas geográficas e escalas, poderão ser representadas pela Datilologia, uma vez que estes números não são fixos para toda área de estudo.

Todo mapa tem minimamente alguns elementos que auxiliam na sua leitura espacial e localização geográfica. Se ele é para o aluno surdo, logo, tem que ser pensado na lógica deste, o que significa que o mapa deve ser pensado de acordo com as condições deste sujeito, levando em conta a sua cultura, identidade, língua, a leitura espacial e, portanto, o sujeito na relação com seu idioma. Diante do exposto, apresentaremos três mapas representando a mesma superfície terrestre. O primeiro é um tradicional (Mapa 01), o segundo está em Libras (Mapa 02) e o terceiro em VisoGrafia (Mapa 03).





Estes foram produzidos a partir do trabalho de campo junto com os alunos surdos⁴, que quantificaram no mapa mudo como deveriam ser representados os elementos cartográficos para que eles pudessem realizar a leitura e análise.

Os mapas em Libras e VisoGrafia possibilitaram que os alunos surdos realizassem as leituras, compreendendo de maneira imagética a representação do planeta Terra com os continentes delimitados por cores. Nesta perspectiva, podemos representar, a partir do mapa, fenômenos qualitativos, quantitativos e ordenados. Para tanto, os fenômenos qualitativos podem ser representados a partir das variáveis visuais seletivas, cor, orientação e formas, inde-

⁴ Entre os meses de abril e agosto de 2017, foram aplicados instrumentos de coleta de dados I, II e III, os quais referem-se às observações das aulas de Geografia; entrevistas semidirigidas com os sujeitos supracitados e sequência didática de oficina e minicurso, respectivamente.

pendentemente se a representação é ponto, linha e/ou polígono.

Já os fenômenos quantitativos, podem ser representados pela variável visual tamanho, com implementação zonal ou linear com variação de espessura da linha ou ainda localizações pontuais no mapa por meio de pontos agregados. E, por fim, temos os fenômenos ordenados, que são representados pela variável valor na implantação zonal e também em classes visualmente ordenadas, muito utilizados para relacionar diversos elementos, como, por exemplo, densidade populacional.

Neste contexto, os mapas tradicionais podem ser representados em Libras, VisoGrafia e/ou Datilologia, então, por que não produzi-los nesses moldes para que os alunos surdos tenham condições de efetivamente realizar a leitura e análise sozinhos? O decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 trata do direito que o aluno surdo tem de receber materiais pedagógicos e provas que considerem preferencialmente sua língua, no caso a Libras, porém os materiais pedagógicos em Libras e provas em vídeos não estão presentes na grande maioria das escolas brasileiras.

As diferenças linguísticas, biológicas e culturais entre os alunos surdos e ouvintes dobram em formas distintas de apropriação e representação espacial. Pensando nisso, e considerando a legislação, que reconhece a necessidade de produção de materiais didáticos específicos para os alunos surdos, é que propomos a produção cartográfica que atenda as especificidades dos alunos surdos e possibilite o ensino-aprendizagem de Geografia.

Considerações finais

O aluno surdo não tem problemas para compreender a espacialização no mapa, entretanto, a escrita em língua portuguesa inviabiliza a leitura. Eles não são contra o uso dos mapas, pois estes têm uma função muito importante de localização geográfica dos conteúdos que estudam em sala de aula. Os questionamentos que esses estudantes fazem sobre os mapas são sobre as formas pelas quais estes estão representados.

O letramento perpassa por três estágios que conversam entre si. A primeira etapa é leitura logográfica, o segundo momento é a rota fonológica e, por fim, temos o estágio ortográfico ou lexical.

No primeiro estágio, leitura logográfica, a escrita é vista como um desenho do referente, sendo, portanto, uma produção visual global. Dessa forma, existe uma correspondência da palavra com as características gráficas, como exemplos podemos citar a leitura de rótulos dos produtos alimentícios ou sinais de trânsito. O surdo não tem dificuldades nesse processo, pois não existe uma relação direta com a audição.

Já na rota fonológica, o aluno surdo possui grandes dificuldades, pois ele não consegue relacionar o texto com o som da fala devido à ausência de audição. Com isso, este sujeito não consegue desenvolver a decodificação (traduzir as palavras do texto em sons correspondentes) e codificação da leitura (converter os sons da oralidade em grafemas equivalentes).

O último estágio, e não menos importante, é a etapa ortográfica ou lexical. Antes de descrevermos como esse estágio funciona, é significativo destacarmos que ele ocorre de maneira mais eficaz quando trabalhado com a rota fonológica (o estágio em que o aluno surdo tem grandes dificuldades devido à ausência da audição). Com isso, ele precisa memorizar as palavras ao invés de aprender a ler e construí-las, limitando o arcabouço do seu vocabulário.

Não estamos negando a língua portuguesa aos alunos surdos, mas problematizando sua efetiva aprendizagem na modalidade oral e escrita devido à limitação sensorial auditiva (pré-requisito para desenvolver de forma eficaz a oralidade, leitura e a escrita da língua oral auditiva).

Diante do exposto, identificamos que existe um empecilho para o aluno surdo compre-

ender a língua portuguesa em sua totalidade. Primeiro que essa língua é oral auditiva e o sujeito em questão não tem audição e, conseqüentemente, oralidade. Outra questão é que este estudante, na sua condição da ausência de audição, não desenvolve a rota fonológica, ou seja, não consegue estabelecer a conexão do texto com os sons e este último com as palavras. Portanto, o aprendizado dos alunos surdos em relação à língua portuguesa é limitado na questão auditiva e isso prejudica o desenvolvimento da oralidade e escrita deste sujeito.

Segundo Oliveira e Romão (2013, p. 26),

[...] A linguagem verbal exige que a compreensão da mensagem ocorra pela linearidade dos signos. A sequência dos sons e das sílabas forma palavras, frases, orações etc., para que, ao final, haja a compreensão do significado. A informação é transmitida linearmente, e somente ao término do processo é possível entender a mensagem completa..

Diante do apresentado, podemos perceber que o aluno surdo não tem dificuldades com a linguagem visual do mapa, uma vez que segue uma lógica visual. Já na linguagem verbal, o aluno surdo encontra uma certa dificuldade para seu aprendizado e, com isso, a leitura do título, da legenda ou qualquer outro elemento cartográfico que possua palavras não está acessível ou atendendo as reais necessidades linguísticas do sujeito em questão.

Os mapas tradicionais em que os alunos surdos e ouvintes têm acesso nas escolas estão em língua portuguesa, ou seja, em uma língua oral auditiva. Porém, os alunos surdos são usuários da Libras (língua visual espacial), isto é, uma língua distinta daquela presente nos mapas tradicionais. De acordo com Oliveira e Romão (2013, p. 09-10),

Muitas discussões poderiam ser realizadas sobre o caráter técnico, artístico ou científico da atividade de produzir representações cartográficas. No entanto, não há dúvida de que os mapas são formas de comunicação empregadas por diversas sociedades, desde os tempos primitivos, para relatar conhecimentos sobre os espaços geográficos em que viviam ou que tinham algum conhecimento. Logo, se o mapa deve ser entendido como uma forma de comunicação, a cartografia precisa ser considerada uma linguagem. Trata-se de um tipo especial de linguagem, a qual conjuga propriedades tanto da linguagem visual (gráfica) quanto da linguagem verbal (textual). Nos mapas, a primeira é expressa na imagem formada pelo arranjo de tamanhos, tonalidades, cores, formas e texturas, enquanto a segunda está presente no título, na legenda, na toponímia, em nomes de lugares ou objetos, e em outras partes.

Neste contexto, os mapas são formas de comunicação empregada por diversas sociedades com o intuito de compreender espacialmente as relações sociais de produção da vida. A comunicação só é efetiva se o objeto de transmissão do remetente estiver na mesma língua que a do destinatário. Para exemplificar essas ideias podemos considerar que o objeto de transmissão seja o mapa, enviado por um remetente ouvinte e recebido por um destinatário seja o surdo.

Nessas condições, o objeto de transmissão (mapa) não está na mesma língua do destinatário (Libras). É válido mencionar que o remetente (ouvinte) poderá produzir o objeto de transmissão (mapa) em Libras e não necessariamente em língua portuguesa. A grande questão não é o remetente ser ouvinte, mas a produção do mapa estar na língua do remetente e não do destinatário.

A parte visual do mapa refere-se às cores, formas, texturas, aos valores, granulações e tamanhos. Em relação às variáveis apresentadas, os alunos surdos não têm dificuldades. Já com linguagem verbal (textual) comumente utilizada para estabelecer o título, legenda e os mais diversos nomes do que foi representado nos mapas,

os alunos surdos possuem dificuldades para a leitura.

Diante do exposto, sabendo que o mapa é uma conjugação das linguagens visual e verbal, logo, existe uma lógica visual de representação espacial e uma língua escrita que possibilita a leitura completa do mapa. A grande questão é que os mapas tradicionais valorizam o código linguístico em que os alunos surdos não têm domínio devido à falta de audição e, conseqüentemente, haverá dificuldades para a leitura, interpretação e análise dos fenômenos geográficos espacializados no mapa.

O mapa é um recurso pedagógico importantíssimo de análise espacial e, na sala de aula, possibilita a construção do conhecimento geográfico na relação com os temas e conteúdos previstos nos currículos. Mas, se os alunos surdos não conseguem realizar a leitura da linguagem verbal/textual dele, ele está prejudicado, uma vez que o mapa a que os alunos têm acesso não possibilita em sua totalidade a leitura e análise, isto é, a construção e aprendizagem do conhecimento geográfico.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm> Acesso em: 10 ago. 2024.

_____. **Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 10 ago. 2024.

_____. **Lei nº. 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 10 ago. 2024.

CASTELLAR, S. M. V. A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (org.). **Novos rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 112-135.

FERNANDES, J. V. Inclusão: ensino de Geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana. In: **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 20 (2016), n.3, p. 107-114

FONSECA, F. P. **Cartografia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

GIRARDI, G. **Cartografia Geográfica: considerações críticas e proposta para ressignificação de práticas cartográficas na formação do profissional em Geografia**. Tese. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2003.

_____. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. In: **Revista Pro-Posições**, vol. 20, n. 03, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a10.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2024.

_____. Modos de ler mapas e suas políticas espaciais. In: **Revista Espaço e Cultura**, n. 36, 2014. p. 85-110.

_____. Mapeamento participativo, cartografia social e crítica: breves notas para um debate sobre práticas cartográficas escolares. In: SOUZA, C. J. de O.; AGUIAR, Lígia M. B. de. **Conservações com a cartografia escolar: para quem e para que**. São João Del-Rei: UFSJ, 2016.

MARTINELLI, M. **Mapas, gráficos e redes: elabore você mesmo**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

OLIVEIRA, I. J.; ROMÃO, P. A. **Linguagem dos mapas: cartografia ao alcance de todos**. Editora UFG, 2013.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, R. D. (Org.). **Cartografia Escolar**. – 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

